ANNO XX de "O Povo de Aveiro, DOMINGO, 11 DE OUTUBRO DE 1903 N.º 1:017 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 218

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

Sentimento do dever

Espirito de solidariedade

Passava ha dias, junto de quem escreve estas linhas, n'uma rua qualquer, uma carroça carregada de mobilia. A mobilia, por mal atada e mal accommodada, desprendeu-se e cahiu quasi toda no chão.

— Foi bem bom não se quebrar nada, exclamou um popular que ia passando.

— E se se quebrasse era o mesmo, respondeu o carroceiro. Não me doía a cabeça com isso.

Eis aqui um bruto, fui eu dizendo de mim para mim, que dá a nota exacta da falta do sentimento do dever, da ausencia do espirito de solidariedade, que é um dos caracteristicos da sociedade portugueza. Elle tinha rigorosa obrigação de ter collocado e atado a mobilia de fórma que não viesse, desastradamente, parar ao chão. Se tivesse o sentimento do dever, e até o do proprio interesse, ficava incommodado com aquelle desastre, filho da sua inhabilidade ou da sua incuria. Mas, proximo da selvageria, como quasi toda a gente em Portugal, sem sentimento do dever, sem espirito de solidariedade, atido apenas, como verdadeiro selvagem, ao lucro de momento, á utilidade immediata, encolhe os hombros e fica-se, tranquillo, indifferente, ou desdenhoso.

E é tudo assim, e em todas as classes. Na burocracia civil e militar, na industria, na agricultura, no commercio, na vida familiar, nas cidades, nos campos, e nas praias. Fazer *cera* ou *cabular*, roubar o patrão, o proprietario ou o estado, e ter inveja do proximo, é o triplice desideratum do cidadão portuguez.

Ainda ninguem calculou a profunda perturbação moral e economica que d'ahi resulta.

Pois seria um calculo curiosissimo e de largo alcance. Pô-lo a concurso, chamando para ahi as attenções, premiar todos os trabalhos destinados a combater essa chaga profunda, que vae minando a sociedade portugueza, não seria dos menores serviços prestados a este paiz.

A quanto póde montar o desperdicio resultante da falta de capacidade e d'economia das donas de casa?

A quanto póde montar o desperdicio que resulta da falta de zelo e de probidade da creada?

Em quanto importa a *cera* feita pelo trabalhador dos campos, pelo operario de construcções, fabricas e officinas?

Quanto se perde com a falta de methodo no governo domestico, nos trabalhos ruraes, nas obras particulares e publicas, nas repartições militares e civis?

Qual é, em dinheiro, o prejuizo que deriva da falta do cumprimento do dever pelo funccionario militar e civil?

Qual a perda que provém da falta de aptidão profissional em todos os ramos do trabalho portuguez?

Quanto deixa de se aproveitar no commercio, na industria, nas transacções de toda a ordem, na falta de iniciativa, com as peias officiaes que embaraçam a actividade nacional?

Eis um bello thema de concurso offerecido ao estudo e ás meditações das intelligencias portuguezas. E dava-se folga ao conto, que anda estafado.

Avaliae esses extravios, esses desperdicios, esses damnos e vereis que, com as quantias assim perdidas, pagariamos em poucos dias a collossal divida publica da nação.

Sem falar nas perturbações de toda a ordem que resultam do incommodo moral do chefe de familia, que vê a desordem e o mau governo na sua casa, do proprietario, do industrial, do commerciante, do agricultor, que vivem n'uma lucta contínua com a falta de zelo, de probidade, de aptidão dos subalternos, lucta que os **cança, que os enfraquece, que os exgotta.**

E todo este mal, que é gravissimo, que é profundo, seria de facil remedio, no emtanto, desde que uma propaganda bem dirigida o combatesse, com tenacidade e persistencia, na origem, que é a falta do sentimento do dever, a ausencia do espirito de solidariedade.

O caracter nacional está pervertido e só por uma educação bem pensada e bem cuidada o pederiamos salvar d'essa perversão. Não temos noção de justiça, não **temos noção de dever, guerreamos sem descanço o nosso similhante e sômos indifferentes a todas as iniquidades com elle commettidas. Só protestamos contra ellas quando se commettem** em nós proprios. Antes d'isso rimo-nos da victima e achamos graça ao algoz.

Cada um pensa em si proprio. O dicto: «cada um governa-se» generalisou-se a tal ponto que se tornou uma sentença. E' a recommendação feita pelo pae ao filho, pelo mestre ao discipulo, pelo protector ao protegido. Sem repararem, os desgraçados, que lavrando **a sentença de morte d'um povo lavraram a sua propria sentença.**

Esse egoismo feroz é uma demonstração de barbarie, de inferioridade, de animalidade. Tanto mais atrazado, tanto mais inculto é um povo, tanto menor é o seu espirito de solidariedade.

Cada um governa-se Ora o funccionario militar e civil procurou *governar-se* arranjando o mais que poude e produzindo o menos possivel. O operario, o trabalhador rural, a creada de servir procurou *governar-se* trabalhando pouco e mal. O politico procurou *governar-se* traficando com empregos e com os serviços publicos. O jornalista procurou *governar-se* esfaqueando o seu confrade, abandonando o covardemente a todas as arbitrariedades e iniquidades, adulando, rastejando, trapaceando, mentindo. E d'esse modo se converteu a nação portugueza n'um verdadeiro monturo.

E julgando todos que se salvavam, todos se perderam, todos se afundaram.

Perdemo-nos, afundamo-nos porque não temos iniciativa, nem perseverança, nem disciplina, nem previdencia, nem decisão, n'uma palavra: porque não temos caracter. Esquecemo-nos de que o trabalho, a economia, a rectidão, são as unicas condições de triumpho d'um povo.

Assim nos perdemos.
Assim nos afundamos.

JOSÉ LUCIANO

Como se sabe, está ahi o retrato do sr. José Luciano para ser inaugurado.

Não concorremos para isso directa, nem indirectamente. O sr. José Luciano tem tremendas responsabilidades na triste situação do paiz. Como politico não possue as nossas sympathias.

Mas como ahi está o retrato —ou vae chegar se ainda não chegou—como o sr. José Luciano nasceu n'este concelho e é o homem que mais se salientou na politica depois de José Estevão—com o qual, aliás, não o queremos comparar—parece-nos que mais bem collocado ficava o retrato no Lyceu do que no edificio da Camara Municipal. Já porque o Lyceu é um edificio mais impunente do que a *Camara Municipal*, já porque no Lyceu está o retrato de José Estevão, que foi e é o primeiro aveirense.

O sr. José Luciano é uma figura historica, boa ou má. E' um aveirense que attingiu as culminancias da politica. Que vá o seu retrato então para onde está o de José Estevão, já que os aveirenses querem fazer galeria historica de todos os seus homens que tiveram influencia nos destinos do paiz.

Ahi fica o alvitre, que nos parece acertado.

A candura tem seus pedantismos, assim como os pedantes, ás vezes, têm canduras irrisorias. São os extremos que se tocam.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A proposito d'uma pendencia

Como dissémos, não tinhamos lido o *orgão dos morgados* ao escrevermos o ultimo artigo. Tambem não tinhamos lido, nem o lêmos nunca, o orgão do sr. Barboza de Magalhães. Alguem nos manda, porém, os dois papeis e por elles ficámos conhecedor das *minuciosidades*.

O sr. Barboza de Magalhães estava no *remanso* da *formosa vivenda* da quinta da Granja, em Celorico da Beira, quando, ás 8 e meia horas da noite (palavras de sua excellencia) de 20 de setembro recebeu o *Campeão das Provincias*, onde leu o que se tinha passado entre Firmino de Villhena e os srs. drs. João Pinto Rodrigues dos Santos e Guilherme Alves Moreira.

Sua excellencia deu um salto e resolveu não consentir que Firmino de Villhena assumisse a responsabilidade do artigo que lhe pertencia. Resolveu mais pedir *immediatamente*, por telegrammas e cartas, aos *jornaes de maior publicidade* (sempre palavras de sua excellencia) que declarassem que era elle o auctor do artigo e que do mesmo artigo tomava toda a responsabilidade. E resolveu ainda partir para Aveiro *para aguardar os acontecimentos*.

Parecia Roldão!

Mas chegado a Aveiro responde ás testemunhas do sr. Homem de Mello que nem dava explicações nem reparações pelas armas.

Roldão de cuécas!

Ora Deus o ajude.

Para isso escusava de sahir do *remanso da formosa vivenda da quinta da Granja*, de tomar *tão repentinas e solemnes resoluções* e de vir para Aveiro *aguardar os acontecimentos*.

Quaes acontecimentos? Os que se deram debaixo dos Arcos?

Não se illudam, não se illudam, nem tentem illudir os outros. O que se passou em Aveiro foi, como sempre, em casos analogos, uma covardia, uma indignidade, uma garotice sem nome. Como sempre! Está demonstrado que não ha vislumbres de brio na gentinha que dirige certas facções locaes. E' um bando de garotos.

Não queremos dizer com isto, já o escrevemos no numero anterior, que o sr. Barboza de Magalhães fosse o auctor ou o incitador da scena dos Arcos. Mas a garotice deu-se e com pessoas da facção e algumas da intimidade do sr. Barboza de Magalhães. Esse é o facto.

Estava previsto que o sr. Homem de Mello não queira liquidar as suas questões á bengalada ou ao murro. Não queria tirar desforço por esses processos. Se o quizesse, não enviava testemunhas ao supposto director do *Campeão das Provincias* ou ao sr. Barboza de Magalhães.

Mas a admittir-se essa hypothese, o supposto director do *Campeão das Provincias* e o sr. Barboza de Magalhães não podiam partir do principio de que o sr. Homem de Mello os iria procurar, para com elles jogar a bengalada ou o murro, acompanhado das suas testemunhas. Mas emquanto estas testemunhas se mantivessem correctamente no seu papel, era rigoroso dever do sr. Barboza de Magalhães, do supposto director do *Campeão das Provincias* e de todos os seus partidarios e amigos, procederem cortezmente deante d'ellas.

O que succedeu, porém?

Succedeu que um bando de gaiatos do partido do sr. Barboza de Magalhães appareceu em attitude provocadora deante do sr. Homem de Mello e das suas testemunhas. Succedeu que o papel, que passa por orgão do sr. Barboza de Magalhães, e o outro, que é orgão do sr. Jayme Lima, applaudiram a proeza dos gaiatos. E tudo isso deu razão aos srs. Guilherme Moreira e Pinto dos Santos para poderem dizer em toda a parte que em Aveiro não ha senão covardes e pulhas.

Covardes, porque os mariolões só em grupos numerosos, só com as costas quentes em auxilios provaveis e immediatos, portanto seguros da impunidade, se atrevem a apparecer a alguem. Pulhas, porque todos os homens de sociedade e de brio, partidarios ou não do duello, acatam e respeitam as testemunhas, emquanto ellas se limitam á missão restricta de que foram incumbidas.

Um, que estava envolvido na pendencia, escreve correspondencias para *O Diario* a exaltar a proeza, com a aggravante de deturpar os factos.

O mesmo, de accordo com o *outro*, exalta a proeza e deturpa os factos no *Campeão das Provincias*.

Um biltresito, que indecorosamente se confessou, n'uma pendencia passada, calumniador do sr. Homem de Mello, e que foi reconhecido como tal pelo sr. Jayme Lima e pelo sr. Joaquim de Mello Freitas, vae para o orgão do mesmo sr. Lima exaltar a proeza e deturpar os factos.

Ora isto é tudo quanto ha de mais nojento. E' um bando de garotos e são todos garotos desde o mais graduado até ao menos graduado.

Mas Aveiro, como já dissémos, não póde consentir por mais tempo este estado de coisas. Que resolva cada um as suas questões como quizer. Mas sem associar a

ellas, nem comprometter n'ellas, o bom nome da terra e os nossos interesses.

A população de Aveiro não póde tolerar que os *Tinhosos*, os *Réles*, os *Cabecinhas*, os *Bichezas*, os *Chiças* e quejandos continuem na presumpção injuriosa de serem os seus dirigentes, os seus mentores. Aos quatro ventos propalam os animaesinhos que trazem no bolso a população aveirense e que d'ella dispõem a seu prazer e talante.

Essa presumpção é ridicula, não ha duvida. Mas nem por isso deixa de ser affrontosa. E perigosa. Porque os que teem nos ultimos annos pugnado a valer pelos nossos interesses, bem pódem cançar-se de tanta canalha, enjoar-se com tanta porcaria e voltar-nos as costas. E depois? Governa-se Aveiro com os *Chiças*? com os *Bichezas*? com os *Tinhosos*? com os *Réles*? com os *Cabecinhas*? com os *Mijaretas*?

Reduzam os garotos ás proporções devidas.

E' o que impõe a dignidade e o bom senso.

DECLARAÇÃO

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Alexandre Gonçalves Billelo, na qualidade de editor do «Progresso de Aveiro», que se publica n'esta cidade, vem declarar para todos os effeitos que, segundo as informações a que procedeu, e por conhecimento proprio, não se referem ao Ex.mo Sr. Dr. Antonio de Pinho, redactor do jornal «Correio d'Albergaria», as phrases seguintes, que se encontram na correspondencia de Ercoseas, inserta no «Progresso de Aveiro» n.º 150, de 8 de setembro do corrente anno:

«Com o titulo acima indicado deparamos no «Correio de Albergaria» de 21 do corrente, a espaventosa noticia, que contém tanto de verdade como a palavra de honra, a favorita do sr. do «Correio», que nada vale, desvanece-se n'um momento como o fumo no espaço.»

Aveiro, 10 de outubro de 1903.

ALEXANDRE GONÇALVES BILLELO.

(Segue o reconhecimento)

Os livres pensadores em Hespanha

Em Bilbau (Hespanha), organisaram os fanaticos catholicos uma peregrinação ao sanctuario da Virgem de Begona.

Porém, como os fanaticos, incluindo as proprias mulheres, provocassem com insultos os livres pensadores, estes responderam lhe á bengalada, o que originou um sério conflicto havendo bastantes feridos de parte a parte.

A peregrinação não continuou, mas diz-se que uma segunda se vae fazer e por isso se receiam novos e mais violentos conflictos.

E por aqui se vê como os srs. catholicos fanaticos se arremessam no caminho das provocações, não se lembrando que hoje, o povo, um tanto já desanuviado do tectrico temor do inferno e purgatorio, não está para lhe aturar as tolices, e especialmente as suas provocações.

«DIARIO DA TARDE»

Entrou no sexto anno de publicação este illustre collega portuense, brilhantemente redigido, um dos jornaes que honram o paiz.

Ás nossas mais sinceras felicitações.

Cartas d'Algures

9 DE OUTUBRO.

Vimos que, para não ser ridicula a lei, que torna obrigatorio o ensino das primeiras lettras, era preciso fazer-se o que se faz na Suecia, que é o mesmo que se faz em todas as nações cultas, isto é, castigar com o *maximo rigor e severidade* os paes que não mandam os filhos ás escolas, e dar de comer, vestir e calçar ás creanças sem recursos para a frequencia escolar.

Sem escolas em numero sufficiente, sem edificios nas condições indispensaveis, sem subsidios ás creanças pobres, sem castigos severos e inflexiveis—coisa impossivel n'este paiz de compadres—aos paes rebeldes a educar os filhos, claro é que o ensino obrigatorio não passa de uma verdadeira irrisão.

Na Suecia, como referimos na carta antecedente, independente da iniciativa particular, que se manifesta a cada passo em dadivas generosissimas, como essa do capitalista de Kungsholmen, que doou á escola primaria da sua parochia 25:000$000 réis, só para alimentação das creanças pobres, independente d'isso, a parochia, o municipio e o Estado sustentam a creança indigente durante o periodo escolar.

A parochia, que tem a iniciativa em todas as questões de ensino, directamente. O Estado indirectamente, por meio de subsidios ás communas pobres. Além d'isso, dá o Estado uma pensão aos candidatos ao professorado, que não tenham recursos proprios para frequentar as escolas normaes. N'essas pensões gastou 18:746$000 réis no anno de 1894. Sem falar em auxilios d'outra ordem. O governo, por exemplo, facilita a acquisição do material escolar, mandando-o fabricar por conta propria e cedendo-o ás communas por preços minimos.

Com aquelle espirito pensador, que distingue os povos fortes e cultos, a Suecia entendeu que saber lêr era um meio e não um fim. Em Portugal, saber lêr, escrever e contar é um incentivo á vadiagem, á ociosidade. Em Portugal apprende-se a lêr como meio d'abrir caminho para o emprego publico. O trabalho é desprezo. Quem sabe lêr, escrever e contar só não larga a enxada e a trôlha se não póde. Se póde, larga-a logo. Ser da fidalguia, é o ideal. E quem é empregado publico, ainda que seja continuo, fica logo pertencendo á respeitada e honrada classe dos fidalgos.

A Suecia atalhou a tempo essa tendencia, que é um pouco universal, diga-se a verdade. E atalhou-a a tempo porque tinha pensadores. Nós temos talentos ás dezenas. Que digo eu? Aos milhares. Homens que fazem livros, homens que fazem jornaes, homens que fazem discursos, homens que fazem leis. Mas não pensam. Pensadores não temos nenhum. Grandes talentos, espiritos brilhantes, mas a respeito de pensar... era uma vez pensamento!

A grandeza dos nossos homens é externa. Está na fórma. Desunham-se a limar phrases. Estafam-se a estudar periodos. Uns imitam com talento. Outros não passam d'um servilismo abjecto. Mas são todos imitadores. E imitadores da fórma. As idéas só lhes servem para fazer realçar a palavra. Todo o seu empenho está n'essa coisa bella, mas pequena. Em enfeitar, em adornar, em trabalhar a palavra escripta. E, de facto a palavra, ás vezes, sahe-lhe artistica. Mas o raciocinio fica falso. Mas o pensamento é nullo. Pensamento que se uma ou outra vez se eleva, logo desce a confundir-se com a terra, como que arrependido, como que envergonhado de se ter elevado, porque lhes falta a tenacidade, a perseverança para o proseguir, para o defender, para o manter, a vontade, que é dos homens e elles não são homens! que é dom exclusivo dos que se souberam orientar, dominar, disciplinar, educar.

Ou são mesquinhos, ou são fracos.

E só assim se comprehende que nenhum dos nossos publicistas, e homens d'estado, tenha visto, até hoje, d'uma maneira bem convincente e bem frizante, que a regeneração do paiz havia de assentar, sobretudo, na instrucção e na educação popular. Só assim se comprehende que todos elles tenham sentido, no fundo, o mais profundo desprezo pelo povo. Só assim se comprehende que, cheios de *talentos*, o nosso destino tenha sido este lameiro em que nos enterrâmos até ao pescoço. Só assim se explica essa loucura da proclamação do engrandecimento real, n'um periodo em que todos os povos da vanguarda luctavam azafamadamente por engrandecer o povo, reconhecendo que só o povo, instruido, moralisado, educado, podia ser um poder regulador, um poder sólido e estavel, uma força progressiva, uma força dominante.

Mesquinhos! Mesquinhos!

Nunca tivémos grandes homens, digamos outra vez esta verdade. Os maiores foram pequenos.

A Suecia reconheceu, a tempo, que era preciso evitar o desvairamento d'uma instrucção incompleta. E apressou-se a introduzir o trabalho manual nos estabelecimentos d'ensino. Honrar, nobilitar o trabalho, eis a que visaram desde logo todos os pensadores d'aquelle paiz. No trabalho altivo, digno, intelligente e remunerado, estava a força e a independencia da nação.

Ainda aqui a iniciativa particular tomou o passo á iniciativa official. A Academia Real d'Agricultura destacou professores officiaes para as provincias. Varios departamentos e sociedades particulares — é o sr. Antonio Feijó quem está falando — votaram subvenções para o ensino do trabalho manual, que já em 1870 começou a ensinar-se nas escolas populares. Só em 1877, porém, foi decretado officialmente para as escolas d'instrucção primaria.

Em 1880, o opulento capitalista Abrahamson funda a escola de Nääs, na prefeitura de Elfsborg, destinada, principalmente, a habilitar professores para as escolas populares. «Quasi todos os paizes da Europa e da America, escreve o sr. Antonio Feijó, teem enviado professores para seguirem a curso d'esta escola, unica no seu genero. O pensamento e as vistas do seu illustre fundador foram lucidamente expostas n'um folheto publicado ha annos pelo actual director. O seu fim visa principalmente a honrar todo o trabalho corporal, desenvolvendo o gosto e as aptidões individuaes, com o intuito de melhorar as condições da população rural, tanto sob o ponto de vista da moralidade como da utilidade prática, habilitando-a a trabalhar por suas proprias mãos no fabríco e aperfeiçoamento dos objectos de primeira necessidade.

O systema de Nääs, essencialmente pedagogico e methodico, é hoje seguido em todas as escolas da Suecia.»

Sobre o trabalho manual das raparigas, vale a pena ainda ouvir-se o sr. Antonio Feijó. Eis o que elle nos diz dos estabelecimentos de Stockolmo:

«Na escola de Santa Catharina fornecem-se jantares diariamente a 200 creanças indigentes. Estes jantares são preparados e servidos pelas raparigas de treze a quatorze annos, sob a direcção d'uma *ménagère* competente. E' um curso prático de cozinha destinado a preparar futuras donas de casa. As creanças são reunidas em grupos de seis a doze, e cada rapariga, uma vez por semana, tem a seu cargo o cuidado inteiro da *sua familia*, que assim se denomina cada grupo. Assisti varias vezes ás refeições escolares com a mais viva commoção, ao vêr a graça e o desembaraço d'essas cozinheiras infantis.

Apezar de tudo isto, digno da maior admiração, e bastante só por si para fazer o orgulho de uma cidade, esta incomparavel organisação pareceu deficiente e incompleta ás pessoas que n'este paiz se preoccupam com a sorte das creanças. Os alumnos das familias pobres, filhos de operarios quasi sempre occupados fóra de casa, ficando entregues a si proprios depois das horas empregadas na escola, eram naturalmente levados a vagabundear pelas ruas, adquirindo vicios e maus costumes. Para obviar a este inconveniente, uma illustre senhora d'esta cidade, madame Retzins, teve a lembrança de fundar uma instituição de trabalho manual, que fosse ao mesmo tempo um estabelecimento de beneficencia, a fim de attrahir as creanças depois das horas d'estudo.

Os resultados obtidos foram tão surprehendentes, que já hoje, só em Stockolmo, existem oito d'esses estabelecimentos, havendo muitos outros espalhados por todo o paiz. Denominam-se *Arbetsstugor* (salas de trabalho) e funccionam todos os dias, das cinco ás sete horas da tarde.

As creanças apprendem n'esses estabelecimentos todos os trabalhos d'execução facil: remendam a roupa, concertam o calçado, fazem obras de verga e palha, capachos, tapetes, etc., etc., objectos d'uso frequente e de applicação prática, cujo producto é destinado á sustentação d'esses estabelecimentos.

Para attrahir as creanças e tornar assidua a frequencia, cada alumno tem direito a uma abundante refeição ao terminar o trabalho.»

Sempre o mesmo plano, proseguido tenazmente por todos, o Estado, o municipio, a parochia, o particular: instruir e educar o povo. Plano supremo, plano capital, a que se dedicam egualmente homens e mulheres. Vê-se bem, reconhece-se que todos sentem que está na educação popular a grande alavanca do progresso e grandeza do paiz. E as mulheres reconhecem-no tão bem como os homens. As suas doações não são menos generosas, nem menos grandiosas. E o que se vê na Suecia vimo-lo já na Inglaterra e nos Estados-Unidos da America do Norte.

Em Portugal, os grandes litteratos deixam de ser republicanos porque o povo *cheira mal*, e os grandes historiadores deixam de ser socialistas para engrandecerem o poder real!

Como um homem ás vezes tem vergonha de ser portuguez!

A. B.

Bom exemplo de padres

Em Madrid, foi condemnado em 19 annos de prisão, o capellão das freiras Clarisas (que por tal signal estavam bem servidas), que não só desflorou uma creança menor, como lhe communicou uma terrivel molestia.

E é com exemplos d'esta natureza que os srs. da catholica querem que as *tresmalhadas* ovelhas entrem em bom caminho.

Ah bom cavallo marinho!...

*

Tambem em Pamplona (Hespanha), foi preso um outro capellão das freiras, por ter ordenado a duas mulheres que abrissem, á navalha, o cadaver d'uma outra, afim de lhe extrahir um féto, *allegando que cumpria uma obrigação*.

Olha a que raio de obrigações estava o bom do padre ligado.

Quem cortasse ao mariola o gasnete!

Publicações

Temos em nosso poder algumas publicações a que só no proximo numero nos podemos referir.

A NOSSA CARTEIRA

—*—

Esteve a semana passada em Lisboa o sr. dr. Manuel da Rocha Madail, intelligente official da secretaria do governo civil d'este districto.

*

De Espinho já regressou a esta cidade com sua familia, o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, conservador d'esta comarca.

*

Tambem regressou da praia do Pharol a esta cidade, o sr. Jeronymo Baptista Coelho.

*

Já se encontra na sua casa de Esgueira, o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça.

*

Em serviço de exames esteve em Vizeu, onde já regressou a Aveiro, o sr. dr. Marques Mano, esclarecido professor do nosso lyceu.

*

Tem estado doente com influenza, mas já vae melhor, o nosso amigo sr. Joaquim Ferreira Felix.

*

Por motivo de serviço foi chamado a Lisboa o sr. Diniz Theodoro de Oliveira, director das obras publicas.

*

Esteve em Espinho o sr. dr. Guilherme Alves Moreira, distincto lente da Universidade.

*

Tem estado n'esta cidade os srs. Manuel de Souza Brito e o sr. dr. Joaquim Rodrigues d'Almeida, actualmente residente em Ancas.

*

Está em Anadia com sua esposa o distincto «sportman» sr. Mario Duarte.

*

De Espinho regressou com sua familia o sr. Manuel Marques da Cunha, capitalista d'esta cidade.

*

De visita ao sr. José Luciano de Castro esteve em Anadia o sr. Manuel Gonçalves Netto, acreditado algebrista d'esta cidade.

*

Partiu a semana passada para a praia da Costa Nova, os nossos amigos srs. José Marques d'Almeida e Luiz Henriques.

*

De Ceia regressou ao Carregal o sr. Albertino de Pinho Ferreira, digno advogado na mesma comarca.

*

Em companhia de sua esposa, acaba de partir para Minas (Brazil), o nosso amigo sr. Manuel Domingos da Cunha Vieira, acreditado negociante n'aquella praça e que aqui veio passar alguns dias com sua familia, no Sobreiro.

Feliz viagem é que lhe desejamos.

SOL-POSTO

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que, com este titulo, o nosso amigo sr. João Francisco Pedro faz publicar na 3.ª pagina d'este jornal.

O proprietario d'aquelle estabelecimento é um homem muito sério e muito honrado nos seus negocios, quer particulares, quer commerciaes, pelo que se torna crédor do favor publico.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Foram superiormente approvados os estatutos da União dos Atiradores Civis Portuguezes, com séde em Lisboa, e que ha bastante tempo estavam dependentes da sancção do governo.

E' de crêr que a direcção do *Recreio Artistico* continue agora os interrompidos trabalhos da filial d'aqui, e onde já se acham inscriptas bastantes pessoas.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Mosaico da opera *Un ballo in maschera*, (Verdi); Selection da opera *Fedora* (Giordani); pot-pourri da opera *Il Pagliacci* (Heoncavals); *Isabella*, ouverture (Suppé); Phantasia da opera *Ruy Blaz*, (Marchetti); *Raphaella*, polka (Benjamim).

OS PHOSPHOROS

Nós bem o prophetisámos e o dissémos no nosso ultimo numero: «Ora vamos a vêr se d'esta vez terêmos occasião de louvar a Companhia dos Phosphoros, o que, antecipadamente, duvidâmos.»

Se bem o prophetisámos melhor succedeu, como se deprehende pela noticia que segue, e que extractâmos d'um jornal portuense.

«Reuniu hontem novamente a commissão nomeada pela classe dos operarios manipuladores de phosphoros para continuar nos seus trabalhos ácerca do movimento de protesto contra os desmandos da companhia.

Tomou conhecimento de que apesar de se ter propalado que a companhia já tinha dado ordens no sentido de serem satisfeitas as requisições que fossem apresentadas no deposito, referentes aos phosphoros de pau com enxofre (tipo n.º 1), tal boato não era verdadeiro, porquanto ainda hontem se apresentára de novo no referido deposito o gerente da Cooperativa de consummo dos operarios manipuladores de phosphoros, instando pela requisição que já tinha feito, e foi-lhe respondido que não havia ainda ordens especiaes da companhia para que fossem postos á venda os phosphoros de pau com enxofre.

Em virtude d'isto a commissão resolveu convidar a classe a intender-se, por meio dos seus delegados, com o sr. ministro da fazenda para que sejam cumpridas as ordens por sua ex.ª dadas e pedir á imprensa e ao commercio a continuação do seu apoio n'esta campanha, que é mantida em defeza das classes pobres.»

Pelo que se vê, a poderosa companhia, afferrada como está, aos fabulosos lucros que aufere do esbulho que faz ao pobre povo, não quer, nem á *quinta facada*, alargar um poucochinho mais, os cordões á sua sovina generosidade.

A sanguesuga humana é assim. Em se costumando a sugar, só a muito custo é que ella largará o martyr, que n'este caso é o povo.

Os operarios do Porto estão dando um alto exemplo de moralidade e de civismo a todos nós.

Sabem elles, melhor do que ninguem, o que se passa de portas a dentro em manifesto prejuizo do publico. Não querem, por isso, continuar a collaborar n'essa obra nefasta, onde elles se tornam cumplices involuntarios.

Fazem muito bem e merecem o inteiro applauso de todos.

E sendo os ultimos que deveriam protestar, são no entanto os primeiros que lançam na rua o grito d'alarme.

Sómente bem é que elles andam.

E nós não os devemos deixar sós no campo da lucta.

Ajudêmol-os com as nossas forças, estimulemol-os com as nossas palavras, vergastando ao mesmo tempo os actos da famosa Companhia com a energia de que ella se tem tornado crédora para com todos. E ávante.

CYCLONE?

Tinham-nos dito ha dias que um horrivel cyclone havia feito sossobrar nas aguas americanas 118 navios de varias nacionalidades entre os quaes, 3 portuguezes.

Não démos credito á versão por a acharmos demasiadamente permatura, jámais quando o telegrapho nada nos tinha annunciado.

Vêmos, porém, n'um jornal de hoje, que um official do vapor «Peninsular», tinha communicado em carta para o sr. João Antonio Mauricio, negociante em Lisboa, que um terrivel cyclone tinha assolado as costas da Terra Nova fazendo naufragar 118 navios, numero egual ao que ouvimos da bôcca do nosso amigo.

Será assim? Duvidamos. Mas, como diz o vulgo, as más novas são sempre verdadeiras, é possivel que alguma cousa de horrivel se tenha passado. Muitas familias d'aqui e que tinham maridos e filhos n'aquellas paragens andam grandemente sobresaltadas. Felizmente, por uma carta particular recebida pelo «Seculo», sabe-se que não tem fundamento a noticia de ter naufragado navio algum portuguez.

«O Photographo»

Com este titulo começou a publicar-se em Lisboa uma nova publicação dedicada exclusivamente a assumptos referentes a photographia.

«O Photographo» é revista quinzenal e assigna-se na rua da Rosa, 242—1.º—Lisboa.

«Paris, 8.—Está confirmado que os soldados turcos assassinaram em Obastog 800 homens, mulheres e creanças.»

E tambem está confirmado que quem assiste impassivel a estas scenas da mais requintada ferocidade e selvageria, podendo-as evitar, entra tambem, em nossa opinião, na conta de selvagem.

Aos agricultores

Chamamos a attenção dos interessados para o annuncio que o sr. José Gonçalves Gamellas, estabelecido á praça do peixe, publica com este titulo na 3.ª pagina do nosso jornal.

Os mortos são invisiveis, mas não ausentes.

VICTOR HUGO.

CARTAS DO PORTO

Realisou-se hoje pelas dez horas da manhã na egreja dos Congregados a missa do setimo dia por alma de Annibal de Passos, que collaborou por muito tempo no *Primeiro de Janeiro*.

Assistiu a esta piedosa ceremonia todo o elemento jornalistico assim como diversos amigos intimos do finado.

A egreja estava repleta, e sobre o athaude foram depostas algumas corôas.

—

Defendeu hoje these, ficando approvado, o meu amigo dr. Santos Silva, a que deu ao seu trabalho o titulo de *Fadiga intellectual em pedagogia*.

D'aqui lhe envio os meus sinceros parabens.

—

Fez hoje exame de pharmacia ficando approvado com onze valores, a ex.ma sr.ª D. Maria Julia Ferreira da Silva.

Presidiu a este acto o dr. Alfrede Magalhães e fôram arguentes os srs. Conselheiro Ferreira da Silva e Nuno Salgueiro.

—

Teem sido presentes á Camara Municipal varias queixas apresentadas por diversos lavradores do concelho de Gondomar, pela grande demora a que são obrigados á entrada de barreiras esperando bilhete de cobrada, o que lhes acarreta bastantes prejuizos.

—

Depois de varias aprehensões de carne feitas nos nossos mercados dia a dia, aprehendeu hoje a policia administrativa mais uns tres kilos de carne em decomposição, que um negociante da rua do Freixo tinha exposta á venda.

—

Foi recolhida ao casarão immundo a que lhe dão o nome de *Aljube*, uma infeliz de nome Deolinda Augusta Alves, de 23 annos, por dar indicios de alienação mental.

Não foi ainda possivel dar providencias para que estes infelizes sejam recolhidos em outra parte mais apropriada para este serviço, e que se tenha mais um pouco de humanidade para com estes desgraçados recolhendo-os em logar mais proprio e não n'uma polsiga infame como a do *Aljube*.

—

Regressou já a esta cidade o illustre medico ophtalmologista sr. dr. Correia de Barros.

—

A tratar de assumptos tauromachicos encontra-se aqui o sr Fernando d'Oliveira.

—

Falleceu hoje, pelas 9 horas da manhã, a sr.ª D. Carlota de Jesus Lima Nunes, esposa do digno chefe da primeira esquadra de policia sr. Francisco Manuel Nunes.

—

Pelas 9 horas da manhã de hoje houve principio de incendio na casa do sr. José Teixeira Constantino, estabelecido com mercearia á rua da Senhora da Hora. Teve origem n'um colchão, communicando-se o fogo á roupa da cama, sendo extincto pelos visinhos.

—

O vapor «Obidense» embarcou no dia 6 com destino ao Pará e Manaus, em Leixões, 84 passageiros.

—

Para a corrida de garraios que se ha de realisar no proximo domingo e que é promovida por Antonio Bernardes, tem sido grande a procura dos bilhetes.

Esta diversão realisa-se na praça da Serra do Pilar.

8—X—903.

CORRESPONDENTE.

Ao sr. delegado de saude

Acabamos de saber que o birbigão que se tem vendido na praça do peixe, tem originado varias doenças na cidade e em outros logares onde aquelle mollusco se tem vendido.

Ao sr. delegado de saude pedimos a sua attenção para o caso, pois que as reclamações do publico vão sendo muitas e bem justificadas.

Casamento original

D'uma correspondencia do Estado de S. Paulo (Brazil), para um jornal de Lisboa, extractamos a seguinte noticia por a acharmos extremamente curiosa:

«Realisou-se no sabbado, 15 de agosto do corrente anno, no cartorio do juiz de paz e na egreja matriz de S. Pedro do Turvo, n'este Estado, o consorcio de D. Anna Maria de Sousa, veneranda senhora, com o sr. Venancio Detal, estimavel cavalheiro ali residente.

A noiva conta apenas 91 primaveras e o «jovem» esposo 98 janeiros...

Entre as testemunhas que firmaram a acta do casamento perante o juiz de paz, figura o sr. José Joaquim Pinto, que conta já cento e tantos annos...

Apoz a cerimonia civil e religiosa, os nubentes conversaram alegremente, recordando aos presentes, factos da sua meninice.»

E é possivel que passassem tambem a sua primeira noite de nupcias contando historias, porque de resto... *historias*.

«O OCCIDENTE»

Mais um bello numero nos apresenta esta explendida Revista Illustrada, a mais antiga de Portugal e cuja collecção é hoje importantissima, pois é um vasto repositorio da historia e litteratura contemporanea. E' o n.º 890 que temos presente, illustrado com as seguintes primorosas gravuras e da maior actualidade: Duas nitidas gravuras das manobras militares do Outomno, Bivaques em Varge Meirinho, quatro illustrações ao artigo Caldas da Rainha, A Praça e Mercado, Pavilhões do Hospital, Tapada do Hospital e Parque, os retratos do dr. Sousa Viterbo, com que abre a sua primeira pagina, Conego Alves Matheus e João Baptista Borges ha pouco fallecidos e uma noticia desenvolvida ácerca do bello livro de Ribeiro Arthur recentemente publicado—Artes e Artistas Contemporaneos, illustrada com os retratos de Manuel de Macedo, Ernesto Condeixa, Christino da Silva, Fernandes de Sá, Arthur Loureiro Ferreira Chaves e o do seu auctor. Na parte litteraria; primorosa como sempre, vêem-se os artigos firmados por D. João da Camara, Brito Rebello, Padre Antonio d'Obidos, Caetano Alberto, etc.

Coragem militar: os dourados do uniforme.

GENERAL DU BARRAIL.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco	720
» encarnado	900
» manteiga	650
» amarello	650
» mistura	500
» caraça	800
» frade	520
Milho branco	560
» amarello	540
Trigo gallego	1$060
Cevada	640
Centeio	600
Batatas, 15 kilos	200
Ovos, duzia	120

Antes cáias nas unhas dos corvos que nos braços de um adulador; aquelles tiram-te os olhos, este a luz do entendimento.

ANTISTENES

SOL-POSTO

REABRIU o seu antigo estabelecimento, no Sol-Posto, o sr. João Francisco Pedro, e agora com excellente vinho, genuino do Cartaxo, que tem feito as delicias de muitos amadores d'aquella magnifica qualidade, e que vende por preço convidativo.

Esta taberna esteve fechada algum tempo por seu dono não poder estar á testa d'ella em virtude de um logar que tinha de ir occupar no Cartaxo e que perdeu por ter sido traiçoeiramente levado a responder em juizo, onde foi justamente absolvido.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convêm especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fôr applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encommendas de «marés» de junco.

(26) FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

IX

Poeta e moralista

No anno seguinte, Braz Luiz sahiu com outro volume de egual tamanho, bem que menos importante á salvação da alma. Todavia, choviam bençãos sobre o sábio que primeiro curava almas achacadas de vicios, e depois dava á humanidade enferma, como coisa secundaria, um livro que olhava a minorar-lhe os flagelos corporaes. Eis aqui o titulo d'este padrão da medicina portugueza: «Portugal medico, ou monarchia medico-lusitana. Historica, prática, symbolica, ethica e politica. Fundada e comprehendida no dilatado ambito dos dois mundos creados, macrocosmo e microcosmo.» Estes dizeres pódem chamar-se o cabeçalho do titulo, que se continúa em vinte linhas. Assim o declaro para que se não julgue da superficialidade da obra pela pequenez d'aquelle rotulo. Braz Luiz de Abreu dedica o seu livro ao principe do Brazil D. José Francisco, e assigna-se *medico portuense e familiar do santo officio*, assentando n'estas qualidades dois titulos á consideração publica.

Este livro, a meu vêr, é a mais pittoresca historia dos costumes de aquelle seculo. Ninguem lê o *Portugal Medico*, e poucos sabem que desprezado thesouro alli está. Como author de livros de medicina é vilipendio nosso que Braz Luiz que seja contado na lista dos escriptores medicos, de par com os Zacutos, com os Veigas, e com Jacob de Castro Sarmento; como relação das usanças do seculo XVIII, não ha novella nem poema satyrico em portuguez que lhe chegue á barba.

Onde me dá o leitor a conhecer o que eram os medicos estrangeiros em Portugal? Quaes gazetas do tempo ou quaes poetas mordentes nos deixaram traços da chusma de charlatães, naturaes e peregrinos, que se locupletaram entre nós, favorecidos pela crassa bruteza a que tinha descido a faculdade medica em Portugal! Nenhum livro de prosa ou verso, nenhuma publicação coeva nol-o diz, exceptuado o livro obscuro ou escarnecido do Olho de Vidro.

Para mim é de fé que o leitor, nem ainda peitado por estes incomios, vae folhear o *Portugal Medico*. Pois eu, mas que me alcunhem de impertinente, vou dar-lhe em traslado coisa pouca d'este curioso livro, que é mais historia que as chronicas dos Azararas e Pinas, e mais comedia humana que as comedias de Gil Vicente e do Judeu.

A'cerca dos medicos ostrangeiros:

«Enfada-se de ser soldado na Italia um romano; passa a Portugal, e constitue-se um famoso espagyrico florentino. Foge da sua religião feito apostata um francez; aporta em Lisboa, e inculca-se por um insigne medico portuguez. Quebra em Hollanda um mercador; busca o nosso reino, e vende-se por um peritissimo physico hamburguez. E até entre os nossos o que é alveitar no Minho passa a ser medico no Algarve; o que é cirurgião na Extremadura vae buscar o grão de doutor ao Alemtejo; e de boticario da Beira, se converte em Galeno de Traz-os-Montes; d'esta sorte espalhados e desconhecidos, morrendo por viver na sua necessidade, vivem de matar com a sua medicina, e atormentando a todos sem piedade, ferem sem pena e matam sem castigo...

Desembarca em Lisboa no Porto, ou em outra qualquer barra de este reino um medico estrangeiro, não disse bem, um estrangeiro mettido a medico; antes que ponha o pé em terra, já o bom do homem tem mandado encher as esquinas de editaes em que publica remedios infalliveis para todos os achaques... Entra-se um d'estes por casa de um illustre, de um nobre, de um ecclesiastico; mas nunca de um pobre; e se ha achaque na casa, começa logo o parabolano a desenrolar promettimentos, e que foi fortuna chegar elle a tempo em que podesse emendar o que os medicos tinham errado; porque a queixa só elle a conhecia, por ter já feito, similhante cura na pessoa do Delfim de França, e vencido o mesmo achaque no principe Eugenio, ou em outro qualquer personagem d'este calibre; porque similhantes physicos nunca se fazem medicos ahi de qualquer tudesco de má morte; mas as suas experiencias sempre tem sido observadas, ou nos palacios dos principes, ou no serralho do grão turco.

(Continúa.)

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e extrangeiros

CEM RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a *Bibliotheca Horas Romanticas* conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu *preço baratissimo*.

A *Bibliotheca Horas Romanticas* publicará de cada auctor, o *mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commodo e portatil. Abundantissima a leitura* de cada volume. A sua barateza inexcedivel.

E' nosso empenho conseguir que a *Bibliotheca Horas Romanticas* seja tão instructiva como deleitosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa *Bibliotheca* offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A *Bibliotheca Horas Romanticas* será uma *collecção preciosa de verdadeiras obras primas.*

VOLUMES PUBLICADOS

N.os 1 a 3—«Quo vadis?» por Henry Sienkieviez.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazarilho de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontois», por F. Soulié—N.º 6—«A amoreira fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7a e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado,» por Jorge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses,» por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15—«Idylios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras maldita», por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas licções da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e prático da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações ácerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisêmos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro,—242-1.º

LISBOA

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.